REVISTA DA FUNDARTE
ANO 23
NÚMERO 57
OUTUBRO A DEZEMBRO DE 2023
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



REVISTA 57
SABERES ACADÊMICOS E SEUS RESULTADOS: CONCEPÇÕES EM ARTE

RELATO DE EXPERIÊNCIA: UM OLHAR FOTOGRÁFICO ACERCA DO ESPAÇO

EXPERIENCE REPORT: A PHOTOGRAPHICAL LOOK ABOUT SPACE

Thalita Emanuelle de Souza
Secretaria do estado do Paraná - SEED-PR, Paraná/Brasil

Maria Cristina da rosa Fonseca da Silva
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis, SC/Brasil

Resumo: Esse Relato de experiência vai apresentar aula a aula uma proposta pedagógica desenvolvida com o primeiro ano do Colégio Estadual Professor Pedro Carli em 2019 com a mediação da professora regente de Arte. As aulas que são aqui descritas tiveram como foco principal o olhar fotográfico sob a Vila que os estudantes habitavam com o intuito que a partir do trabalho em sala de aula os mesmos pudessem vislumbrar criticamente o próprio espaço e representá-lo de forma simbólica e humanizada através do ato fotográfico. As aulas foram pensadas a partir do que é pressuposto na Pedagogia Histórico-Crítica e elaboradas para que a todo tempo os estudantes pudessem adquirir conhecimentos acerca da linguagem fotográfica, da sua condição sócio-histórica e cultural e, ainda, da arte como trabalho criador.

Palavras-chave: Pedagogia Histórico-Crítica. Aula de arte. Fotografia. Espaço.

Abstract: This Experience Report will present, class by class, a pedagogical proposal developed with the first year of Colégio Estadual Professor Pedro Carli in 2019 with the mediation of the regent teacher of Art. The classes that are described here had as main focus the photographic look at the local that the students inhabited with the intention that from the work in the classroom they could critically glimpse their own space and represent it in a symbolic and humanized way through of the photographic act. The classes were designed based on what is presupposed in Historical-Critical Pedagogy and designed so that at all times students could acquire knowledge about photographic language, their socio-historical and cultural condition, and also about art as a creative work.

Keywords: Historical-Critical Pedagogy. Art class. Photography. Space.

Introdução: conhecendo a escola e as bases teóricas

Neste relato de experiência me comprometo a descrever, aula a aula, a proposta pedagógica desenvolvida com os estudantes do primeiro ano do ensino médio do Colégio Estadual Professor Pedro Carli no ano de 2019, proposta essa na qual atuei como professora mediadora de todo o processo e

que tomou como base os preceitos da pedagogia histórico-crítica elaborada pelo professor Demerval Saviani (1988), para que, dentro das aulas de artes visuais, fosse vislumbrado o ensino da fotografia de forma sistematizada e efetiva. Nos títulos que seguem, o leitor pode acompanhar a sequência das aulas.

A aplicação em sala de aula

Aula 1: A turma selecionada para a aplicação da proposta pedagógica foi o primeiro ano do turno matutino do Colégio Estadual Professor Pedro Carli. A escolha foi feita por ser a única turma de ensino médio do período da manhã, pois a idade dos alunos poderia auxiliar na concepção de uma visão mais crítica em relação ao ambiente. Os encontros de preparação para a aplicação do projeto de pesquisa foram feitos nas aulas de artes e tiveram início no segundo semestre de 2019.

Durante minha explicação, percebi euforia de uns quando falava da possibilidade das saídas fotográficas. Expliquei que teriam uma visão mais ampla de fotografia no findar do projeto. Essa aula começou e terminou rapidamente, pois o ato de fazer a chamada, entregar documentos e explicar todos os objetivos tomou muito tempo.

Durante o desenvolvimento do planejamento das aulas, eu coletei várias imagens em jornais da cidade, atuais e antigas, revistas de colunas sociais da cidade, cartões postais atuais e antigos, e, também, fotografias de Boris Kossoy (2019) e Vilma Slomp (1996- 2019).

Na sequência, distribuí as revistas, cartões postais e jornais para que passassem entre as carteiras, e os alunos tivessem uma visão mais geral sobre o que foi apresentado nos envelopes. Só a partir daí apresentei o último envelope, com as seguintes perguntas: o que você vê nas fotos? Quem você vê? O que elas representam?



Pedi que cada um fizesse um bilhete com as respostas e colocasse no envelope. O que obtive foram muitos papéis falando de pessoas, lugares e paisagens, ao mesmo tempo em que alguns tomaram uma postura mais crítica. É nessa diversidade encontrada nas respostas advindas da problematização que percebi a desigualdade no ponto de partida e pude vislumbrar a possibilidade de igualdade como ponto de chegada. Enquanto uns foram vagos e rasos, outros já estão além na problematização, mas o importante é que todo esse processo faz com que surjam questionamentos acerca do que essas imagens representam e o que podemos produzir a partir desse entendimento.

Transponho a seguir o que está escrito nos bilhetes para melhor entendimento.

Primeiro bilhete:

1. Vejo uma irrealidade. Fotos não mostram nossos problemas.
2. Vejo pessoas vivendo suas vidas nesse sistema.
3. E representando toda a vida e seu esquema.

Segundo bilhete:

O que você vê nas fotos? Pessoas ricas.

Quem você vê? Pessoas, casas grandes, modelos.

O que elas representam? Burguesia.

Após, os estudantes depositarem seus bilhetes no envelope e sentarem novamente. Abordei as questões que poderiam ser analisadas, como, por exemplo, os cartões postais só demonstrarem os centros e os pontos turísticos da cidade; as revistas só apresentarem a elite e os lugares ostensivos que habitam; os jornais, ainda que demonstrem a periferia, sempre o fazem de forma rasa e enfatizando nas muitas imagens, suas mazelas. Demonstrei como na sociedade de consumo as fotografias publicitárias nos mostram uma realidade idealizada.

Elaborei a fala discorrendo sobre o fator de poderem encontrar resquícios de beleza nos lugares e, também, de a fotografia ser um meio de

denúncia sobre os problemas sociais e econômicos da vila em que moravam, uma forma de mostrar o olhar deles sobre os seus, uma maneira de pertencerem ao lugar que habitam e fazerem o seu entendimento ser visto pelos outros através da linguagem da fotografia.

Aula 2: Walter Benjamin (1931) cita na pequena história da fotografia que desde Leonardo (da Vinci), o homem demonstrava fascínio pelo reflexo da imagem e por sua representação, e, por isso, usavam a câmera obscura para copiar algo que chamasse a sua atenção e desejavam gravar bidimensionalmente. Apresentei para os estudantes o trabalho de Leonardo da Vinci e a câmera obscura, por saber da admiração que eles tinham pelo artista e por ter conhecimento de que, em algum momento, já o estudaram na vida escolar. Comecei a aula com uma exposição oral do fragmento da história que suscitou a vontade humana de fixar as imagens exteriores no bidimensional tal qual elas se apresentavam, e mostrei imagens de como a câmera obscura funciona e como fica a imagem invertida.

Depois de uma breve explanação, apresentei um tutorial para o desenvolvimento de um protótipo da câmera obscura. Assim que a câmera ficou pronta a turma, então, foi ao pátio. Havia um clima de sol a pico, e os estudantes puderam, então, entender o funcionamento e, usando o seu celular, registraram pessoas e espaços dentro da câmera obscura. Com essa atividade, além de entenderem a escrita da luz, também compreenderam a importância do enquadramento.

Percebi no processo, desde a criação em sala da câmera escura até a saída para o pátio, para que fotografassem no interior da câmera, um entendimento dos alunos sobre o reflexo da imagem dentro do aparelho, seja ele: a câmera escura, uma câmera fotográfica e até mesmo o celular, e o fascínio que isso gerou na turma.

Aula 3: Comecei a aula comentando sobre o processo químico que Daguerre desenvolveu com a sensibilização da chapa de cobre, para que a imagem

fotográfica pudesse ser ali fixada. Expliquei sobre o início da fotografia, a venda de retratos, as fotografias de estúdio e o armazenamento dessas, como se fossem relíquias. Posteriormente, expliquei que uma artista de Florianópolis, a Lilian Barbon (2019), faz um processo de sensibilização da superfície para ser queimada pela luz que me fazia muito lembrar o processo desenvolvido no início da fotografia. Contei a eles que entrei em contato com ela, pois, além de desenvolver a técnica da cianotipia, sensibilização da superfície que carrega esse nome porque após serem lavadas, suas obras ficam em um tom ciano, também trabalhava em comunidades com oficinas em lugares de menor estrutura social e econômica.

Após essa introdução, dirigimo-nos para o laboratório de química, o qual possui pias que facilitaram o processo. Eu havia pedido, anteriormente, que os estudantes prestassem atenção nos seus caminhos e recolhessem, enquanto andassem pela vila folhas, flores ou outros elementos que os chamassem atenção, e os deixassem dentro de um livro para que ficassem planos e facilitasse o processo. Sendo assim, fiz a mistura dos elementos e disponibilizei a eles pincéis, para que passassem no tecido de algodão, também já cortados e entregues por mim. Enquanto eles vinham à bancada central, eu explicava que a camada de líquido não precisava ser muito espessa e falava sobre o cuidado ao criar a composição das folhas, que pensassem como se fosse o enquadramento de uma fotografia, que analisassem os elementos antes de os colocarem no tecido. Eles fizeram isso, gradativamente, pintavam, colocavam os itens, saíam para o sol com o cuidado de deixar a porta fechada. Dessa forma, criaram uma rotina organizada dentro e fora do laboratório, enquanto uns pintavam, eu saía para ver os grupos no sol, enquanto uns vinham lavar o tecido, outros saíam. Como todo processo, algumas tentativas foram frustradas e, ao lavar o tecido, nenhuma imagem apareceu. Mas, no final, a maior parte dos cianótipos teve um resultado efetivo e deu para ver nos rostos dos

estudantes a surpresa e ouvir nas conversas o entendimento da “mágica” da revelação fotográfica.

No geral, a aula reproduziu de forma concreta como acontece o processo da fotografia, à subexposição e superexposição à luz, todo o processo de sensibilização de uma superfície durante o ato fotográfico, e promoveu uma parcela da experiência de revelação de imagens aos estudantes. O que também percebi através dos diários é que eles compreenderam todas as etapas do procedimento da cianotipia, incorporando esse aprendizado do processo de revelação ao conhecimento fotográfico.

Aula 4: Comecei a aula relatando que veríamos obras da artista Vilma Slomp (1996-2019), expliquei que ela foi escolhida por ser paranaense e retratar nas suas fotografias a cidade de Curitiba e isso geraria um reconhecimento maior por parte deles. Expliquei que a escolhi, primeiramente, pela artista relatar a importância do momento do clique, por abordar a utilização de máquinas analógicas e pensar muito antes de fotografar, e porque não o faz em grandes quantidades e muito menos a esmo. Mostrei-lhes as fotografias no projetor, disponibilizadas na página da artista, do ensaio **Curitiba Central (2019)**, no qual ela fotografa fachadas, caminhos, chãos entre outros detalhes da cidade. Também mostrei fotografias do ensaio **Feliz Natal (1996)**, no qual a artista tira fotografias de diversos enfeites de Natal de casas de imigrantes e retrata a delicadeza humana presente nelas. Ao mesmo tempo, passei entre os estudantes o livro desse ensaio da artista para que vissem as fotografias de forma mais próxima.

Após reinquirir sobre a necessidade de se pensar antes de tirar uma fotografia e de questionar-se sobre a realidade, sobre quantas fotos são tiradas até que uma agrade e as muitas possibilidades de manipulações e filtros. Expliquei que posteriormente trabalharíamos com a polaroide, essa forma de agir ao se tirar muitas fotografias teria que ser repensada, pois, com essa

câmera, não haveria outras chances e o enquadramento deveria ser pensado a priori.

Aula 5: Quando cheguei à sala de aula, os estudantes já estavam eufóricos com a saída e queriam saber como a câmera funcionava. Eu expliquei que tinham que cuidar da iluminação para que a imagem não estourasse ou ficasse muito escura, mostrei que não havia uma tela, então, teriam que olhar no visor e fechar um dos olhos. Como os estudantes não tinham contato com câmeras analógicas e sempre usaram o celular, ficaram curiosos com esses aspectos apresentados. Perguntei o melhor caminho e eles apontaram o lado que tinha calçada.

Andamos, aproximadamente, quatro quadras até que a aluna Karen viu flores brancas, focou e clicou. Nesse momento, todos fizeram um silêncio profundo enquanto a polaroide saía da câmera. A Karen começou a pular e todos ficaram fascinados pelo processo.

A partir daí, o procedimento se intensificou e mais alguns estudantes tiraram fotografias de flores e árvores. Uma aluna achou importante tirar foto do ponto de ônibus onde estava escrito Vila Bela, outra encontrou uma placa onde se lia “não jogue lixo se tiver vergonha”, um aluno encontrou um carro rebaixado e o retratou em meio a sombras, a Vanderleia entrou em um terreno baldio e retratou o “picho”: “Não entre, perigoso”, dois alunos tiraram foto do riozinho que passa pela Vila, e é conhecido como riozinho da bosta, alguns retrataram moradias.

A saída fotográfica me surpreendeu não apenas pelo cuidado que os estudantes tiveram em tirar as fotografias, mas pelas narrativas vividas que percorreram todo o processo. Percebi, então, nessa saída, que eles já estavam trazendo, para a fotografia, uma posição estética quanto ao enquadramento e, para as conversas, um posicionamento crítico acerca da situação social e estrutural da vila.

Aula 6: A aula começou com o passar entre mãos dos cartões-postais que peguei com a minha avó e que retratavam a cidade nos anos 1970. Abordei a visão da elite, que era colocada nesses cartões que apenas demonstravam as regiões centrais da cidade, seus pontos turísticos e obras que mostravam o suposto progresso. Após questionamentos e discussões sobre isso, mostrei os cartões-postais atuais que evidenciam a mesma coisa que os de anos atrás. Indaguei o porquê de não haver registros da periferia e onde estaria a Vila Bela nesse contexto. O primeiro questionamento que surgiu foi: mas quem iria querer retratar problemas? O aluno Wilson falou: “Professora, coisa feia ninguém mostra”, e brincou: “Nunca vieram tirar uma foto minha!”. A aluna Gabriele falou que ninguém olha do outro lado da ponte, e citou um rap.

Instalei o projetor e, enquanto o fazia com ajuda de alguns estudantes, fui explicando sobre a Série Cartões Antipostais, de Boris Kossoy, artista e pesquisador utilizado nesta pesquisa. Nesse cenário, destaquei o intuito do fotógrafo de explicitar e não esconder as questões sociais, como faziam os cartões-postais que eu havia mostrado a eles.

Depois desse momento de discussão e análise das fotografias, propus para que respondessem a seguinte pergunta: quais lugares seriam retratados nos cartões antipostais da Vila Bela? A maior parte das respostas repetiu os mesmos lugares, que foram: o riozinho da bosta, o mercado Dallpozzo, a invasão e o CAIC. Expliquei, então, que faríamos o trajeto por esses lugares na nossa saída fotográfica da próxima aula.

A partir dessa aula, pude notar que, apesar de, a princípio, eles dizerem que não prestavam muita atenção ao caminho que percorriam até a escola, a falta de estrutura do bairro os incomodava, e eles conseguiram, através desse incômodo, fazer uma relação com as obras de Boris Kossoy, entendendo que esses lugares não estariam representados nos cartões-postais da cidade.

Aula 7: Aula destinada à saída fotográfica e a caminhar pelos espaços da vila escolhidos pelos estudantes. Começamos pelo lugar que era mais perto, o que

é chamado de “riozinho da bosta”, que é uma espécie de rio para onde todo o esgoto da vila é desviado. O riacho a céu aberto apresenta odor intenso e passa atrás do muro da escola e por perto de várias moradias. Fomos até lá, alguns alunos tiraram foto de cima, outros desceram para ter outro ângulo. O ponto central dessa parte da caminhada foi que avistamos muitos ratos e ratazanas, e pudemos, coletivamente, questionar as condições insalubres das moradias perto do rio e também da escola.

Seguimos, então, para o supermercado da vila local, onde grande parte da comunidade trabalha, alunos e familiares, e que também serve como lugar de passeio para os estudantes. O supermercado é proprietário das hortas que fazem parte do terreno da vila e, por isso, é motivo de grande reclamação, por causa do intenso cheiro dos produtos que são utilizados nela – a horta fica localizada na lateral da escola.

Pude perceber, nessa aula, o impacto que teve o olhar mais atento voltado para o local que eles passam, diariamente, através da fotografia, o quanto isso impactou. Gerou revolta, preocupação, propiciou vontade de denúncia e fez com que eles pesquisassem e fossem atrás de adquirir um conhecimento além da superfície.

Chegamos ao mercado e o grupo se separou, cada um fotografando o que mais chamava a atenção no dia de trabalho do mercado. Percebi uma noção deles de interferência da luz sobre a imagem, mas, principalmente, percebi os posicionamentos muito críticos acerca do espaço e uma vontade de encontrar fotografias que, ao mesmo tempo, demonstrassem a realidade, só que de forma estética.

A próxima parada que fizemos foi na escola antiga, o CAIC. A visita foi intercalada com entusiasmo, saudade, poses para retratos, lembranças e conversas nostálgicas.

Seguimos para a “invasão”, e a relação com o percurso: alguns alunos ficaram com medo de caminhar pela ocupação e, por isso, ficaram na escola,

enquanto outros encontravam casas de conhecidos e divagavam sobre histórias vividas naquele espaço, e ainda uns foram deixar a mochila em casa por estarem perto de sua moradia. As contradições de olhares acerca desse lugar da vila ficaram evidenciadas entre cliques tirados e conversas trocadas. Houve também vários comentários sobre as condições de vida na vila, como a existência do esgoto a céu aberto, as privadas como nos tempos antigos, a quantidade exorbitante de lixo e o tráfico existente no local. Houve conversas com moradores/conhecidos/amigos.

Percebi, nas imagens tiradas nessa saída fotográfica, uma mudança qualitativa na forma de fotografar. Os estudantes buscaram outros ângulos, recorreram à diferença de focos e enquadraram detalhes extraordinários pelo caminho.

Os registros da saída fotográfica demonstraram que, no decorrer do processo e da caminhada, os estudantes ficaram mais atentos, encontraram, em meio ao lixo e ao sofrimento, belezas estranhas, perceberam elementos que trouxeram estética e, criticamente, sentido ao lugar abandonado pelos governantes, como os resquícios humanos. O ato de caminhar e conhecer a história e os passos da comunidade atacou o olhar e deixou-o mais atento para os próximos encontros, discussões e saídas.

Aula 8: A aula começou com os alunos sentandos em círculo apenas com as cadeiras posicionadas pedi primeiramente para que eles contassem o que sentiram do início do processo até aquele momento, e o que entenderam da sua aprendizagem em fotografia até ali. Primeiramente, houve um silêncio, até que a aluna Eveline, em voz baixa, relatou o que sentiu e o que aprendeu, elucidando as aulas e o processo de aprendizagem que ela teve até aquela discussão: “Entendi, desde o início, quando fizemos a câmera escura, que existem fotos de diferentes formas, desde o começo até agora”.

Questionei acerca do que eles perceberam dos espaços que percorremos, o que lhes saltou aos olhos, da escola até a invasão.

As respostas vieram de diversas formas, uma aluna falou: “Vimos a nossa quebrada”, outros relataram que deve ser muito triste morar na beira do riozinho.

Perguntei, o que eles sentiram e perceberam do espaço e o que quiseram retratar. Eles falaram de muito lixo e das ratazanas. Seguimos, então, a conversa e falamos sobre a construção de um pensamento crítico. Falei um pouco sobre a desigualdade e que ela não deixa escolha para a população. Então, algumas alunas falaram da necessidade de sobrevivência vir primeiro, e de a prefeitura não assumir sua responsabilidade com os moradores. Em suma, essa parcela da aula foi bem satisfatória na construção de uma consciência social. Terminamos discutindo que, no dia a dia, percorremos caminhos que existem misérias, mas não paramos para ver, olhar atentamente.

Percebi, que eles tentaram reproduzir pelas imagens do espaço o meio de vida das pessoas que moram na vila. Está presente nas fotos uma vontade de demonstrar a beleza desse lugar e a batalha diária dessas pessoas.

Aula 9: Aula destinada à apresentação do fotógrafo Atget (2019) aos estudantes. Relatei aos estudantes que o artista que começou a tirar fotos em 1919, inovou o campo fotográfico por não retratar apenas pessoas, como era comum na época e, também, por fazer fotos de ruas e do subúrbio da França. Ao receberem as fotos em mãos, os estudantes já começaram a vislumbrar espaços da Vila Bela que poderiam ter esse mesmo enquadramento.

Falaram sobre ir ao supermercado novamente e fotografar a feira, reconheceram na fotografia da casa uma casinha que fica no final da rua da escola. Percebi nessa aula que, além de estarem atento aos espaços que percorremos, eles também tinham, nesse momento, uma percepção maior das fotografias do artista apresentado, por isso foram além da análise do cenário.

Aula 10: Fizemos outro caminho, pois os estudantes já haviam percorrido a vila com a fotografia do Atget (2019) em mãos e tinham anotado os lugares que pretendiam fotografar. Algumas fotografias foram tiradas porque algo chamou

atenção deles, mas a maior parte delas foi planejada antecipadamente pelos estudantes. Esse planejamento antecipado demonstrou o empenho que estavam tendo para fotografar.

Essa saída mostrou uma maturidade maior em relação ao fazer fotográfico. Além de se preocuparem com enquadramento, luz, foco, entre outros, os estudantes planejaram antecipadamente algumas das fotos e estabeleceram um diálogo muito mais avançado com as fotografias do artista, apresentadas para repertório. Eles buscaram similaridades e encontraram unidade com as obras de Atget (2019). Demonstraram a interdependência entre o conteúdo e a forma, a teoria e a prática, e uma consciência social de respeito aos espaços, do sentir ao caminhar e de buscar ver olhar para a sociedade.

Aula 11: No início da aula, propus uma reflexão com os estudantes sobre todo o processo, questionei o que adquiriram de conhecimento e a mudança de percepção que tiveram em relação à fotografia.

Após esse momento, veio a abertura do grande envelope, no qual estavam as fotografias dos estudantes. Foi um momento emotivo e com muitas expressões alegres. Eles estavam orgulhosos pelo trabalho desenvolvido e, quando eu distribuí as fotografias no chão para que pudéssemos olhar de cima o todo, eles não aguentavam, já pegavam a sua e mostravam-na com euforia.

Figura1 – Envelope dos alunos



Fonte: acervo da autora (2019).



Fizemos a curadoria para a exposição em conjunto, e nos baseamos principalmente nas cores e nos lugares, pois os estudantes acharam importante ter uma sequência lógica ligada com as nossas caminhadas. Ao findar da aula, os estudantes escolheram o nome da exposição entre as seguintes opções suscitadas por eles: 1. Nossos caminhos; 2. Conste na resenha; 3. Pés descalços; 4. Corre; 5. Lugar; 6. Olhar. A escolha feita foi Corre, palavra que, segundo os estudantes, determina a correria que se faz durante a vida para tentar sobreviver, e representa a correria de quando eles têm que realizar alguma tarefa e falam: “vou ali fazer um corre”.

Compreendi, então, que, além de eles acharem as aulas agradáveis e com uma metodologia diferenciada, também tiveram uma relação com a fotografia que os fez vê-la como forma artística e como um despertar, para ver de forma mais profunda e ampla a realidade que os cerca. E que, apesar de algumas aulas terem focado mais em técnicas e outras em posicionamentos teóricos e críticos, ao finalizar a proposta, pude perceber que a metodologia fez com que o processo fosse unificado e que o saber adquirido fez sentido para os estudantes, que partiriam das aulas com uma consciência maior acerca do seu entorno e da importância da fotografia para a prática social.

Exposição: A exposição foi montada no período da tarde, pois aconteceria no período noturno. Depois de tudo pronto, lista de presença na porta, cartaz na parede, polaroides no quadro e todas as demais fotografias penduradas, os estudantes foram para casa se arrumar para estarem presentes na abertura à noite.

Para a abertura, eu fiz um agradecimento especial aos estudantes pelo belíssimo trabalho e por todo o empenho que tiveram. Os estudantes, passeavam entre as fotografias e contavam histórias do que viveram naqueles lugares antes, durante e depois do projeto.

A exposição retratou os lugares que percorremos, deu ênfase às fotos sem interferências, suspensas no ar entre grampos.

Figura 2 – Exposição



Fonte: acervo da autora (2019).

A exposição foi visitada por professores, estudantes do turno diurno e do noturno, e pela comunidade em geral. Os professores comentaram o quanto aquele trabalho mostrava o que, em sala de aula, vivíamos empiricamente. Ao mesmo tempo, a comunidade e os estudantes contavam muitas histórias sobre os lugares retratados nas fotografias.

Conclusão:

Eu, como professora e mediadora do processo, pude notar o crescimento qualitativo dos estudantes em relação ao conhecimento fotográfico e ao fazer fotografia. A maturação deles ficou evidente não apenas nas fotografias tiradas, mas também na relação mais próxima que tiveram com as artes visuais e no entendimento de que o conhecimento artístico pode levar a uma compreensão mais profunda e consciente do seu entorno e suas relações sociais e históricas.

Percebi que aconteceram vários saltos qualitativos, momentos de catarse, através do saber escolar, foi desenvolvida no trabalho coletivo entre esses sujeitos em relação à sociedade. Que a troca entre os estudantes gerou um vislumbre consciente sobre as relações sociais e o peso que isso tem para cada um. Pois, quando os estudantes são vislumbrados a partir das suas

relações sociais e os processos de produção do meio em que eles vivem são entendidos, havendo consciência acerca das amarras sociais que a falta de condições de vidas oferece aos alunos, bem como, por fim, os sujeitos são entendidos dentro do processo e quando é criada uma proposta pedagógica a partir disso tudo, do estudante concreto, o processo se efetiva e os sujeitos coletivamente formam uma consciência mais ampla pertencente a sociedade e a arte.

Referências:

BARBON, Lilian. [mensagem pessoal]. Imagens do acervo pessoal cedidas à autora em: 30 out. 2019.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios literatura e história da cultura.* 8. Ed, São Paula: Brasiliense. 2012.

CENTRO INTERNACIONAL DE FOTOGRAFIA (ICP). Artista Eugène Atget (1857- 1927) Francês. [20--] Disponível em: https://www.icp.org/browse/archive/constituents/eug%C3%A8ne-atget?all/all/all/all/0. Acesso em: 30 out. 2019.

KOSSOY, Boris. Série Cartões Antipostais. 1972. Disponível em: http://boriskossoy.com/projeto/cartoes-antipostais. Acesso em: 30 out. 2019.

SAVIANI, Demerval. *Escola e democracia:* teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 20. Ed. São Paulo: Autores associados, 1988.

SLOMP, Vilma. Curitiba Central. 2013. Disponível em: http://www.circulandoporcuritiba.com.br/2013/02/curitiba-central-de-vilma-slomp.html. Acesso em: 30 out. 2019.

SLOMP, Vilma. Feliz Natal. 1. impressão. 1996.



Thalita Emanuelle de Souza
Professora de Arte do quadro próprio do magistério do estado do Paraná, atuante em sala de aula desde 2009. Graduada em Arte-Educação pela Universidades Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO-PR. Possui pós-graduação na área de artes visuais. Tem interesse de estudo e pesquisa na área de Arte e ensino. Acredita e luta por uma escola pública de qualidade. Mestra em Arte pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, mestrado profissional em arte - PROF-Artes. Faz parte do corpo editorial da Revista Educação, Artes e Inclusão (Qualis A2 em Artes e B1 no Ensino) desde 2019. Integrante do Observatório da Formação de Professores no âmbito do Ensino de Arte: estudos comparados entre Brasil e Argentina - (OFPEA/BRARG), do Grupo de Pesquisa Arte e formação nos processos políticos e contemporâneos (UDESC) e do Clube de Fotografia Sopro Coletivo (UDESC).
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3582-8476?lang=pt
E-mail: thalita.e.souza@hotmail.com

Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva
Possui graduação em Educação Artística pela Universidade do Estado de Santa Catarina (1988), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (1998) e doutorado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (2004) na linha de mídia e conhecimento. Em 2010 realizou Estágio de Pós-doutorado na Universidad de Sevilla/Espanha desenvolvendo pesquisa junto a Escola da Organización Nacional de Ciegos Espanõles. Em 2011 desenvolveu Estágio de Pós Doutoramento na Universidad Nacional Del Arte - IUNA em Buenos Aires, Argentina . Desenvolveu pesquisa junto ao setor educativo do MALBA - Museu de Arte Latinoamericano de Buenos Aires. É professora titular do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina. Atua como professora do Mestrado e doutorado em Artes Visuais da UDESC. Linha de investigação Ensino de Arte. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Inclusiva, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professores, ensino de artes, educação inclusiva e a distância. É Coordenadora do Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores - LIFE da UDESC. É autora do livro A Formação de Professores de Arte: diversidade e complexidade pedagógica. Desenvolve programa de Extensão junto ao NUPEART de Assessoria para professores da rede pública de ensino. Coordenou o Programa de Pós-graduação em Artes Visuais - UDESC de 2011 a 2014 e o Projeto bilateral intitulado: Observatório da Formação de Professores no âmbito do Ensino de Arte: estudos comparados entre Brasil e Argentina - (OFPEA/BRARG). Coordena em conjunto com a professora doutora Regina Finck Chambeck o PIBID

Interdisciplinar da UDESC. Atualmente é Diretora Geral do Centro de Artes - CEART/UDESC
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1571-9176
E-mail: cristinaudesc@gmail.com

Disponibilidade dos dados da pesquisa: o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo está publicado no próprio Artigo.
Recebido em 24 de abril de 2023
Aceito em 27 de junho de 2023
Editor responsável: Júlia Maria Hummes
ISSN 2319-0868
Qualis A1 em Arte, Educação, Filosofia, História, Interdisciplinar, Linguística e Literatura

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.
Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte.
Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/.